

Quarteto Sfera

Ressurreição — Em torno de Luís de Freitas Branco

11/07 sáb 17h00

Mosteiro de Alcobaca · Celeiro

NON STOP

Programa

Giacomo Puccini (1858–1924)
Crisantemi (1890)

Joaquín Turina (1882–1949)
La oración del torero, Op. 34 (1925)

Germaine Tailleferre (1892–1983)
Quarteto de Cordas (1919)

I. Modéré

II. Intermède

III. Final: Vif — Très rythmé — Un peu plus lent

Luís de Freitas Branco (1890–1955)
Quarteto de Cordas (1911)

I. Moderato

II. Vivo

III. Lento

IV. Animato

Ficha artística

Ana Pereira, *violino I*

Ana Filipa Serrão, *violino II*

Joana Cipriano, *viola*

Irene Lima, *violoncelo*

Organização



Apoio



Com o apoio de:



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

O conceito de “Ressurreição”, fio condutor desta edição do Cistermúsica, encontra neste programa uma leitura que ultrapassa o seu sentido religioso para se centrar na capacidade de a obra artística sobreviver ao seu tempo. Através de um arco temporal que percorre três décadas (1890–1925), este concerto reúne quatro vozes da Europa do Sul que, perante as convulsões de um mundo em mudança — da viragem do século à Primeira Guerra Mundial, passando pela Implantação da República em Portugal — transformam a crise em linguagem musical. A ressurreição surge como um processo contínuo, onde a música se transforma e se prolonga ao longo da escuta, criando um percurso de continuidade através da mudança.

O percurso inicia-se com o recolhimento de *Crisantemi* (1890), de Giacomo Puccini. Escrita por ocasião da morte do Duque de Aosta, esta breve elegia revela como o lirismo operático do compositor se pode concentrar na intimidade do quarteto de cordas. A intensidade dos seus temas levaria Puccini a retomá-los depois na ópera *Manon Lescaut* (1893), prolongando a sua vida para além do contexto original. A música nasce da perda, mas recusa o silêncio: permanece, transforma-se e reaparece, instaurando desde o início uma escuta atenta às ideias de memória e permanência.

Essa permanência ganha uma nova forma em *La oración del torero* (1925), de Joaquín Turina. A obra sugere recolhimento e suspensão perante um momento decisivo. Mais do que evocação narrativa, trata-se de um espaço de interioridade e concentração. A linguagem de Turina, marcada por uma identidade espanhola refinada e por uma escrita de grande sugestão tímbrica, constrói-se entre tensão e recolhimento, prolongando o ambiente de introspeção e aprofundando a dimensão interior do programa.

Com o *Quarteto de Cordas* (1919) de Germaine Tailleferre, o programa abre-se a outra forma de renovação. Única mulher associada ao grupo “Les Six”, Tailleferre afirma uma sensibilidade ligada à clareza, à concisão e a uma estética de reconstrução do pós-guerra, representando uma voz feminina singular num panorama ainda largamente dominado por compositores masculinos. A sua escrita distingue-se pela leveza, pela precisão e por uma energia que aponta para o futuro, introduzindo um contraste luminoso que reorienta a escuta e projeta o percurso para novas possibilidades.

O eixo deste percurso pertence a Luís de Freitas Branco e ao seu *Quarteto de Cordas* (1911). Figura maior da modernidade musical portuguesa, recentemente evocada no contexto dos 70 anos da sua morte, o compositor escreve esta obra num momento de viragem histórica, na sequência da Implantação da República. A peça revela um domínio claro da forma e uma linguagem que articula herança e abertura ao novo, afirmando voz própria no contexto europeu. Ao longo dos seus quatro andamentos, os materiais musicais transformam-se e reaparecem, construindo uma ideia de continuidade que dialoga naturalmente com o tema do programa e que confere ao conjunto uma forte sensação de unidade.

Neste percurso, cada obra propõe uma resposta distinta à experiência da mudança: memória em Puccini, interioridade em Turina, renovação em Tailleferre, afirmação e coragem perante a mudança em Freitas Branco. Mais do que ilustrar um conceito, o programa constrói um espaço de escuta contínua onde a “Ressurreição” se manifesta como processo sensível — na forma como a música atravessa o tempo, se transforma e continua a falar ao presente, convidando o ouvinte a reconhecer nessa transformação uma forma de permanência.

Biografias



© David Rodrigues

Ana Pereira

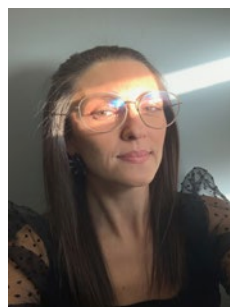
Natural de Lanhelas, iniciou os estudos musicais na sua terra natal, ingressando aos doze anos na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, na classe de violino do professor José Rosado.

Em 2003 começou a estudar na Academia Nacional Superior de Orquestra com o professor Aníbal Lima, licenciando-se com a classificação máxima no ano de 2007.

Durante a sua fase académica e profissional foi distinguida com vários prémios, participou em masterclasses com prestigiados violinistas e tocou com variadíssimas orquestras, tendo-se apresentado também como solista em Portugal e Estrangeiro.

É membro fundador da Camerata de Alma Mater. Ocupa, desde junho de 2015, o lugar de Concertino da Orquestra Metropolitana de Lisboa, formação que integra desde 2008.

Faz parte do corpo docente das Escolas da Metropolitana desde 2009.

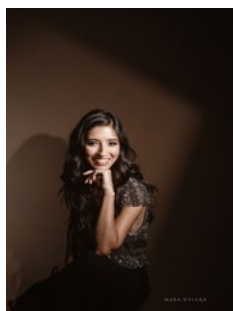


Ana Filipa Serrão

Iniciou a sua formação musical em 1988, aos cinco anos de idade, com os professores Carlos Gama e Dália de Lacerda, no Fundão, e os seus estudos de violino em 1998, com o professor Manuel Gomes na Escola Profissional de Artes da Beira Interior.

A sua experiência artística e pedagógica é vasta. Lecionou no Conservatório Regional Silva Marques (Alhandra), na Academia de Música de Alcobaça e na AMO (Colégio de S. Tomás, Colégio Avé Maria e Colégio Mira Rio), Casa Pia de Lisboa e leciona atualmente no Projeto Orquestra Geração. Trabalhou com a Orquestra Portuguesa das Escolas de Música, Aproarte, Orquestra da Semana Internacional de Música do Luxemburgo, Orchestrutópica, Orquestra do Norte, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras. Participou em várias masterclasses com os professores Pavel Arefiev, Agustín Dumay, Geraldo Ribeiro, António Anjos, Carmelo Santos, Günter Seifert, Aníbal Lima, Igor Naidin, Rainer Schmit, entre outros. Trabalhou com conceituados maestros, como Richard Hortien, Vasco Azevedo, Luís Cipriano, Dominique Sourrisse, Jean-Marc Burfin, Leonardo de Barros, Miguel Graça Moura, Marc Tardue, Ernst Schell, Joana Carneiro, António Soares, Roberto Perez, Michael Zilm, Pedro Neves e muitos outros.

É licenciada no curso de instrumentista de Orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com os professores Agnes Sarossi e Aníbal Lima. Venceu em setembro de 2007 o 1.º Prémio (Nível Superior) de Música de Câmara do Prémio Jovens Músicos da RDP. Conclui a profissionalização em Serviço na Universidade Aberta em junho de 2020.



© Mara Déleán

Joana Cipriano

Iniciou os estudos no Conservatório Regional de Castelo Branco com António Ramos, concluindo em 2004 o Curso de Instrumento na Escola Profissional de Artes da Beira Interior.

Licenciou-se em violino na Escola Superior de Música de Lisboa na classe de António Anjos, e em música de câmara com Irene Lima e Olga Prats,

concluindo em 2013 os mestrados em performance e pedagogia com António Anjos e Alexandra Mendes. Nesse período estudou também na Lithuanian Academy of Music and Theatre com Martynas Svegzda von Bekker através do programa Erasmus.

Foi laureada em concursos como o “Júlio Cardona” (menção honrosa) e o Prémio Jovens Músicos, obtendo o 1.º (2007) e 2.º (2006) lugar em música de câmara. Frequentou masterclasses com Serguei Arantounian, Gerardo Ribeiro, Angel Sanpedro, Jan Talich, Rainer Schimdt, Itamar Golan, Quarteto Artis, Borodin e Talich.

Apresentou-se em países como Lituânia, Bélgica, Itália, Áustria, Espanha, França, Alemanha, Luxemburgo, Moçambique, África do Sul, Cabo Verde e Palestina, em festivais como Pablo Casals (Prades) e Été Mosan (Bruxelas). Colaborou com a Orquestra Gulbenkian, Ensemble 20/21, OrchestrUtopica, Remix Ensemble e Sinfónica Portuguesa. Paralelamente estudou viola d’arco com António Oliveira e Silva, Pedro Muñoz, Ana Bela Chaves e Pedro Meireles.

É membro fundador do Quarteto ArtZen, premiado no Jovens Músicos, e da Camerata Alma Mater. Desde 2017 é chefe de naipe da Orquestra Metropolitana de Lisboa e leciona no Conservatório Nacional.



© António Pedro Ferreira

Irene Lima

Irene Lima nasceu em Lisboa em 1957. A música e o violoncelo, que sempre fizeram parte da sua vida, tiveram como primeiros mestres Fernando Costa e Adriana de Vecchi, na Fundação Musical dos Amigos das Crianças.

Mais tarde, no Conservatório Superior de Música de Paris, André Navarra foi a força que impulsionou um trabalho que perdura até os dias de hoje.

Com uma carreira notável enquanto solista, Irene Lima cultivou desde cedo o gosto pela música orquestral e pela música de câmara, sendo no anonimato do fosso de orquestra de um teatro de ópera, o lugar onde sempre se sentiu mais feliz.

Costuma expressar o quanto aprende com os seus alunos, partilhando com estes o gosto da música de câmara. Encontra a sua âncora na Beira materna e no Alentejo que elegeu, que compartilha com a sua família e amigos.